

## O Bom Samaritano vai ao Teatro...

### *Uma parábola e alguns intérpretes*

A parábola, todos a conhecemos e, quase me atrevo a dizer, muito nos comove, tanto se adequa ela aos nossos dias de fracturas religiosas, políticas e sociais; fracturas que deveriam, antes de mais, convidar-nos a resguardar a resposta certa em torno da questão maior de, a cada momento, descobrir *quem é, afinal, o nosso próximo*.

O que nos ensina poderá ter ou não convencido o impertinente doutor da lei que maliciosamente interrogava Jesus, mas a lição é transparente e sempre actual.

Está enquadrada no Evangelho de São Lucas, 10, 25-38; justamente em São Lucas, o evangelista ao qual se tornou hábito considerar *o patrono das causas sociais*, tanta importância deu ele à fraternidade entre os homens, não só, mas muito especialmente através de parábolas que a mais nenhum dos outros três narradores evangélicos ocorreram<sup>1</sup>.

Vale, mesmo assim, a pena recordá-la, a esta parábola do *Bom Samaritano* que foi o único a condoer-se do pobre homem maltratado que encontrou à beira de um caminho, já que com algum pormenor teremos de examinar como foi ela segmentada, interpretada e ficcionada através dos tempos (de alguns tempos), com particular incidência no teatro ibérico dos séculos XVI e XVII.

Assim a contou Jesus de Nazaré:

[...] Ia um homem a descer de Jerusalém para Jericó. Caíram sobre ele uns ladrões, que lhe roubaram roupa e tudo, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o quase morto. Por casualidade, descia um sacerdote por aquele cami-

---

<sup>1</sup> Outras parábolas registadas apenas por São Lucas são: o rico insensato (12, 13-21), a escolha dos convidados (14, 12-14), a dracma perdida (15, 8-10), o rico avarento (16, 19-35), o mordomo desonesto (16, 1-12), a ovelha encontrada (15, 1-7), o juiz iníquo (18, 1-8), o fariseu e o publicano (18, 9-14). São Lucas, que escreve em grego apurado, foi companheiro de São Paulo e empenhou-se particularmente na defesa da salvação para todos e não de modo especial para os judeus.

nho. Quando viu o homem, afastou-se para o outro lado. Por lá passou igualmente um levita que, ao vê-lo, se afastou também. Entretanto, um samaritano que ia de viagem, passou junto dele e, ao vê-lo, teve pena. Aproximou-se, tratou-lhe os ferimentos, com azeite e vinho e pôs-lhe ligaduras. Depois colocou-o em cima do seu jumento, levou-o para uma pensão e tratou dele. No outro dia, deu duas moedas de prata ao dono da pensão e disse-lhe: cuida deste homem e, quando eu voltar, pago-te tudo o que gastares a mais com ele [...] <sup>2</sup>.

Muito tem dado que falar, que escrever, que comentar e discutir esta aparentemente tão cristalina parábola.

E, como seria de esperar, o teatro de intenção didáctica não ficou alheio à sua sugestiva carga poético-doutrinária, razão pela qual, e, naturalmente, por inclinação pessoal, sobre algumas expressões do seu tratamento dramático decidi debruçar-me, escolhendo, desta feita, três autos, um português, de autor desconhecido (houve quem pensasse em Gil Vicente) a que foi dado o título de *Obra da Geração Humana*, dois em espanhol, o primeiro *El Peregrino*, de José de Valdivielso, o segundo, de Calderón de la Barca, sugestivamente intitulado *Tu Prójimo como a Ti* <sup>3</sup>.

No entanto, a ponte entre o breve enunciado posto, por Lucas, na boca do Mestre para a grande lição do *mandamento* da caridade cristã, lição tão límpida no seu objectivo que, diferentemente do que acontece noutras situações aduzidas no Novo Testamento, o evangelista se desobriga de incursões explicativas, está longe de ligar sem *acidentes* um ponto de partida a um ponto de chegada. Isto porque várias glosas medievais (a glosa, como sabemos, estava de moda na Idade Média) apareceram como proposta para desvendar sentidos ocultos e, como era prática no género, multiplicaram considerações, encaixaram extractos de outros textos, concretizaram com exemplos, conferiram, às vezes, à matéria marcas de uma outra actualidade.

---

<sup>2</sup> *Bíblia Sagrada. Tradução interconfessional do hebraico, do aramaico e do grego em português corrente*, Lisboa, 1993, 82-83. Adiante, por razões de compatibilização com determinados textos a examinar, alterarei a versão de alguns termos (por exemplo, em vez de *pensão*, usarei *estalagem*, em vez de *moedas de prata*, *denários*, etc).

<sup>3</sup> Citarei o primeiro pela edição de I. S. RÉVAH, *Deux «autos» méconnus de Gil Vicente. Première édition moderne*, Lisboa, 1948, com a informação de que a sua primeira edição, por G. Galhardo traz gravada a data de 1536; o segundo por José de VALDIVIELSO, *Teatro Completo, Volumen I, El Peregrino Acto Sacramental*, edición y notas de Ricardo Arias, Ph. D. y Robert V. Piluso, PH. D., Madrid, 1975 (a edição príncipe é de 1622 e há edição de Braga, de 1624); o terceiro pela edição de Mary Lorene THOMAS, *Tu Prójimo como a Ti*, Zaragoza, 1989 (a primeira edição dos *Autos Sacramentales* de Calderón, póstuma, é organizada por Pedro de Pando y Miler, Madrid, Manuel Ruiz de Murga 1717, mas, do texto em questão, existem vários manuscritos que têm sido utilizados em diferentes edições e confrontados na de 1989, da qual preferenciei a versão B por a considerar mais completa. Verifica-se com agrado que com BNL existe a edição de 1717.

Atrever-me-ia a dizer, sem ofensa para os glosadores, que, com a melhor das boas vontades cristãs, apareceram a complicar o que era, sem dúvida, bem simples, mas não lhes nego o mérito de serem importantes suportes nos textos dramáticos em que irei deter-me.

Nessa arte da interpretação *supostamente* aprofundadora, houve um primeiro responsável que, dum modo geral, os restantes seguiram, Santo Agostinho (354-430) que, da parábola, se ocupou nas *Questiones Evangeliorum, liber secundus*; seguiu-se-lhe o Venerável Beda (672-735), *In Lucam Evangelium Expositio* e, mais tarde, Walahfrid Strabo (808?-849) na célebre *Vulgata* glosada que dá pelo nome de *Glossa Ordinaria*; dos três, poderemos dizer que, para quem sabia ler e para quem queria escutar, foram autoridades *quase* populares<sup>4</sup>.

De seguida, vieram os pregadores com sermões que, deste *Bom Samaritano* já disfarçado, também algo recolheram; na impossibilidade de os apreciar na totalidade, ou mesmo em boa parte, ficar-nos-emos por uma olhadela a uma prédica do português Santo António.

Começemos com o contributo de Santo Agostinho para a *clarificação* da nossa parábola, esquadrinhando, como bem entende, o que considera estar por detrás de frases e atitudes.

O homem atacado será Adão ou o próprio género humano, Jerusalém, a cidade celeste da paz, e Jericó, cidade da lua, astro da mortalidade; os ladrões mais não são do que os diabos e os seus anjos do Mal, o roubo é da imortalidade, as chagas significam os pecados; fica o homem semi-vivo porque morre pelo pecado, mas vive no conhecimento de Deus; não o socorrem o Sacerdote nem o Levita porque, como representantes do Antigo Testamento, o não podem fazer, diversamente do Samaritano que personifica o próprio Cristo; e, se as ligaduras *atam* os pecados, também o azeite e o vinho têm funções reparadoras de males da alma:

Oleum, consolatio spei bonae, propter indulgentiam datam ad reconciliationem pacis. Vinum exhortatio ad operandum ferventissimo spiritu. [...] Altera die, est post resurrectionem Domini. Duo denarii, sunt vel duo praecepta charitatis, quam per Spiritum sanctum acceperunt Apostoli ad evangelizandum exteris; vel promissio vitae praesentis et futurae.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Farei as citações latinas por *Patrologiae Tomus XXXV*, edição preparada por J. P. Migne, Parisiis Excusus, 1845, para o texto de SANTO AGOSTINHO; *Bedae Venerabilis Opera, Pars II*, edição de D. Hurst O. S. B., Turnholt, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1960, para os excertos de BEDA; *Biblia Sacra cum Glossa Ordinaria*, Antuerpiae, Ioannem Mevrsium, 1634, para as referências de Walahfrid STRABO. Estas foram as edições a que tive mais fácil acesso, não se trata de uma escolha.

<sup>5</sup> SANTO AGOSTINHO, *Patrologiae Tomus XXXV*, 1340.

Complementarmente, o jumento é o corpo de Cristo que carrega os pecados dos homens, a Estalagem, a Igreja onde se recompoem os viajantes deste mundo, e o Estalajadeiro é o *Apóstolo*<sup>6</sup>.

Não duvidamos de que Beda conhecia o escrito de Santo Agostinho, mas também sabemos terem sido muito divulgados os seus comentários sobre diversos livros das Escrituras. A sua interpretação, embora mais alargada em esclarecimentos e exemplificações, pouco se afasta da do Doutor de Hipona (a moralidade, no entanto, antecede o breve argumento e outras parábolas são convocadas), mas interessa-nos um rápido olhar sobre duas ou três diferenças porque delas vamos encontrar eco na dramaturgia a comentar.

Assim é que o despojamento das vestes tem também a ver com a perda da inocência, acentua-se a cobardia de salteadores que fugiram, os conselhos para a penitência são insistentes e acompanham a tentativa de cura com o azeite e com o vinho; na Estalagem-Igreja só deverão ter lugar os baptizados, os dois denários são os dois testamentos (um abre o sentido para o entendimento do outro) e a sua aceitação pelo *Apóstolo* é reforçada com justificações.

Como para Santo Agostinho, deixo curtos excertos para confronto, de quem o desejar, com passos dos dramaturgos a convocar:

*Qui etiam despolierunt eum. Gloria uidelicet immortalitatis et innocentiae ueste priuarunt.[...] Et plagis impositis abierunt semiuiuo relicto. Plaga peccata sunt quibus naturae humanae integritatem uiolando seminarium quodam ut ita dicam augendae mortis fessis indidere uisceribus. [...] Peccata quae in hominibus inuenit redarguendo cohibuit spem ueniae paenitentibus terrorem poenae peccantibus incutiens. Alligat enim uulnera dum praecipit: *Paenitentiam agite*; infundit oleum dum addidit: *Adpropinquauit enim regnum caelorum*; infundit et uinum dum dicit: *Omnis arbor quae non facit frutum bonum excidetur et in ignem mittetur.* [...]*

Duo denarii sunt duo testamenta in quibus aeterni regis nomen et imago continetur.<sup>7</sup>

Muito próximo do de Beda está o trecho da *Glossa*, de autor alemão, que, entre muitos escritos poético-teológicos, nos legou um conjunto de comentários sobre as Escrituras compilado de várias fontes, hoje menos citado, mas outrora de grande procura. Para além de ainda mais incisivas indicações de Cristo, enquanto procede à recuperação do moribundo, reencontramos interpretações muito próximas, mas não inteiramente coincidentes, com as anteriores no que ao azeite, ao vinho e aos denários diz respeito.

<sup>6</sup> SANTO AGOSTINHO, *Patrologiae Tomus XXXV*, 1340-1341.

<sup>7</sup> BEDA [...], *In Lucae Evangelium Expositio*, 223-224.

Reza o texto, no apartado que nos interessa:

Qui etiam indumenta gratiae spiritualis, immortalitatis scilicet & innocentiae auferunt, & sic vulnera inferunt, id est, peccata, quibus humanae naturae integritas violatur, & mors quasi fossis visceribus inducitur. Qui seruat intemerala, quae sumpsit indumenta, non potest sentire latronum plagas. [...] Alligavit vul. peccata redarguendo cohibuit. Infundit oleum dum poenitentibus tribuit spem dicens: *Poenitentiam agite, quia appropinquabit regnum caelorum.* Infundit vinum dum peccantibus terrorum poenae icutit dominus dicens: *Omnis arbor que non facit fructum bonum excidetur, & in ignem mittetur.* [...] Itaque altero die, id est, post resurrectionum suam quando amplior aeternae lucis splendor, quam ante passionem essulsit in mundo, protulit duos denarios, duo testamenta, in quibus aeterni regis nomen & imago continetur [...].<sup>8</sup>

Finalmente, e sem negar que outros glosadores poderiam ser aduzidos (por exemplo, Hugo e Ricardo de São Victor, no século XII e Ludolfo de Saxónia, no século XIV), a anteceder o registo de alguns excertos dramáticos que a estes textos visivelmente recorrem, o cumprimento da promessa de facultar, com direito a mais ampla moldura, equivalentes parágrafos de um sermão de Santo António que dispensam a minha menos interessante *glosa*:

Um Homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões, etc. Este homem é Adão e simboliza, no género humano, aquele que, ao cair na prevaricação e ao começar a encher-se de orgulho, desceu da felicidade da celeste Jerusalém às misérias e à falência desta vida mutável e errónea. E, por isso, caiu também nas mãos dos ladrões, em poder dos anjos da noite, que se transfiguram em anjos de luz, mas não podem perseverar.

[...]

*O Samaritano*, que se interpreta guarda, é o Senhor, por nós feito homem.. Empreendeu a viagem da vida presente e veio até junto do vulnerado. Tornou-se semelhante aos homens e foi reconhecido por condição como homem. Próximo ao ter compaixão de nós, e vizinho ao conceder-nos a sua misericórdia, *ligou as suas chagas*, refreou os pecados redarguindo-os. *Derrama azeite*, enquanto dá esperança aos penitentes, dizendo: Fazei penitência, está próximo o reino dos céus. *Derrama vinho* enquanto incute aos pecadores o terror da pena, dizendo: Toda a árvore, que não dá bom fruto, será cortada e lançada ao fogo.

[...]

---

<sup>8</sup> STRABO, *Glossa Ordinaria*, 833-834.

Por isso, *ao outro dia*, ou seja, depois da sua ressurreição, quando o esplendor da luz eterna brilhou mais amplo do que antes da paixão, *tirou dois dinheiros ao mundo*, os dois Testamentos, onde se encontram o nome e a imagem do Rei eterno, e deu-os ao *estalajadeiro*, aos Apóstolos, porque então lhes abriu o sentido das Escrituras a fim de governarem o povo<sup>9</sup>.

Facultadas estas curtas achegas, façamos a sinopse com as suas equivalentes retiradas dos textos teatrais, a cujo estudo procederemos, para logo abandonarmos esta via da similitude entre antigos e (mais) modernos admiradores do *Bom Samaritano*, deixando em aberto as sugestões para uma conclusão sobre *quem aproveita o quê de quem*, com a convicção de que mais se pode ainda aprender sobre outros possíveis intermediários.

Conta o anónimo português:

Com ho vinho do temor  
te lavo, por que t'esqueças  
do Inferno,  
com azeyte de dulçor,  
porque abrandes e conheças  
Deos eterno.<sup>10</sup>

E porque melhor esta cura  
ao pecador se dee,  
dous dinheiros  
deixo da Minha figura:  
ho meu Corpo e a Fee.<sup>11</sup>

Diferentemente, e sem alusão aos denários, talvez porque, em pleno auto sacramental, a grande oferta de Jesus será já a Eucaristia, atribui José de Valdivielso aos actos de Cristo a simbologia seguinte:

Con vino de peniencia  
las heridas te rozía  
y te las hunje amoroso  
con el licor de la oliua<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> SANTO ANTÓNIO DE LISBOA, *Obras Completas, Vol. II, Sermões Dominicais (Domingos depois de Pentecostes)*, Lisboa, 1971, 252-253.

<sup>10</sup> *Obra da Geração Humana*, 45. A alusão ao corpo de Cristo poderá interpretar-se como uma deriva precoce para o auto sacramental? Para actualizada informação sobre características do auto sacramental, ler Ignacio ARELLANO y J. Enrique DUARTE, *El auto sacramental*, Madrid, 2003.

<sup>11</sup> *Obra da Geração Humana*, 47.

<sup>12</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 415

Lléualle sobre sus ombros  
 como a la perdida oueja,  
 y con uino y con azeyte,  
 la medecina en su Yglesia.<sup>13</sup>

Muito menos preso à letra de Lucas e/ou dos seus comentadores, Calderón de la Barca resolverá, através de enriquecida metaforização, o curativo do ferido e, uma vez mais, por se tratar de um auto sacramental, esquecerá os denários e encontrará outras dádivas de Cristo aos homens, em geral, e à sua Igreja, em particular. A tudo isto, porém, regressaremos.

### *Uma parábola com sabor vicentino*

Como alguns outros autos quinhentistas, a *Obra da Geração Humana* (menos de 1400 versos com predomínio da oitava abbaacca) remete-nos, na abertura, para uma situação de teatro no teatro<sup>14</sup>, com dois compadres foliões (João d'Acenha e Gil Picote), que cantarolam e bailam, barafustam e juram «por Sam Coentro». <sup>15</sup> Onde realmente estão não se sabe ao certo pois saúdam com votos de boa «Pascoa»<sup>16</sup> os possíveis convidados para umas «vodas»;<sup>17</sup> a verdade, porém, é que ouviram falar de uma «arremedação», de um «ayto»<sup>18</sup> e desejam ser espectadores. Sobre eles escassa informação temos quanto a vestuário ou teres e haveres, apenas que consigo levam uma cestinha de ovos que será matéria de preocupação em lugar onde a gente terá de apinhar-se.

Menos mal que, para prestar-lhes as desejadas informações, um solícito Anjo se encontra no lugar, um pouco à maneira de mestre de cerimónias; e será ele o primeiro a dar visibilidade à nossa parábola, adiantando, antes de mais e com a singeleza do texto evangélico, a sua letra: a descida de Jerusalém para Jericó, o assalto, a insensibilidade do Sacerdote e do Levita, a compaixão do

---

<sup>13</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 419.

<sup>14</sup> São exemplos desta estrutura, pelo menos, o *Auto del Rei Seleuco*, de Camões, o *Auto da Natural Invenção*, de Ribeiro Chiado, o anónimo *Auto dos Sátiros* e o *Auto de São Vicente*, de Afonso Álvares. Quanto à atribuição (ou não) da *Obra* a Gil Vicente, consulte-se a bibliografia incluída em *As Obras de Gil Vicente*, volume V, Lisboa, 2002; aí se encontra informação sobre os estudos de I. S. RÉVAH e de A. J. COSTA PIMPÃO em que as divergências se verificam.

<sup>15</sup> *Obra da Geração Humana*, 14.

<sup>16</sup> *Obra da Geração Humana*, 13.

<sup>17</sup> *Obra da Geração Humana*, 13.

<sup>18</sup> *Obra da Geração Humana*, 14. É sempre com o desmedido intento de não falhar uma representação que as personagens de autos com esta estrutura se apinham e tagarelam, o que nos dá uma ideia de como o teatro era, então, das poucas diversões possíveis.

Samaritano, a entrada na Estalagem; de seguida, e para garantir o imprescindível intuito de doutrinação, desvenda sucintamente que o homem «foy Adam»,<sup>19</sup> os diabos «os ladrões crueis de cote/,a ley velha o sacerdote/ho levita a Semrezam»;<sup>20</sup> do Samaritano diz ser ele «ho Filho de Deos do Ceo»<sup>21</sup> que «sobre o seu costado,/ho trouxe a Sua Ygreja»,<sup>22</sup> omitindo outros pormenores que lá mais para diante não faltarão, embora com relativa sobriedade.

E esse *adiante* será, naturalmente, depois de, no auto, ter ocorrido o roubo e ferimentos do desavisado viajante, concedendo nós, de boa vontade, ao anónimo autor, que o talento não bafejaria em alto grau, o modesto sucesso na tentativa de fugir à repetição na estrutura dos diálogos.

Reencontramos, então, os nossos conhecidos dinamizadores da narrativa.

O Sacerdote é amplo detentor da palavra, antes e depois de Adam a ele implorar misericórdia, o Levita tem mais modesta intervenção e é, de imediato, interpelado pelo ferido, sendo que, diferentemente dos anteriores, o Samaritano a Adam se dirigirá, sem esperar pelo seu pedido de socorro.

Impotentes se revelam os primeiros para auxiliar o desditado, apesar de com ele debaterem as sua razões e perplexidades perante a ausência de caridade de gente religiosa, e até de o lamentarem.

Ainda que convencido inicialmente, de acordo com a sua lei, de que todo o pecador «ficará com seu engano,/e será muy justamente/ condenado»,<sup>23</sup> o Sacerdote admite, antes de partir:

Nam te aproveita nada,  
 teu remédio ha de ser  
 do Mixia.  
 Elle soo to pode dar,  
 e tu lho podes pedir,  
 que eu soo profetizar,  
 porque Elle [que] ha de vir  
 te formou.<sup>24</sup>

---

<sup>19</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 17. A insistência em paráfrases, comum nestes textos, apesar da posterior transfiguração dramática do enredo, marca bem a preocupação didáctica dos autores, bons conhecedores das carências dos seus espectadores.

<sup>20</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 17.

<sup>21</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 17.

<sup>22</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 17.

<sup>23</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 37.

<sup>24</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 39.

Menos informado, o Levita limita-se a deixar um desmaiado consolo :

Fiqua a desposiçam  
de quem te possa valer.<sup>25</sup>

O diálogo com o Samaritano/Christo traz, em paralelo, a misericórdia de um («posto que fora da Ley/te pareça,/ logo cumprirei teu rogo/e remedio te darei»)<sup>26</sup> e o arrependimento do outro («Com grande arrependimento/te digo a culpa minha/e confesso/que sou digno de tormento»)<sup>27</sup> e introduz a simbologia dos actos de ajuda: os «atilhos» para as chagas serão «da Graça»,<sup>28</sup> e, não esquecermos o que há tão pouco lembrámos, o «vinho» será para temor «do Inferno»<sup>29</sup>, o «azeyte de dulçor» para o conhecimento de «Deos eterno»;<sup>30</sup> a «Ygreja» servirá de «estalagem»,<sup>31</sup> o «jumento» há-de ser as «costas/em que vam/as almas que sam despostas/buscar com rependimento/salvaçam»;<sup>32</sup> e não faltarão os «dous dinheiros» (corpo de Cristo e fé) deixados na estalagem pelo Samaritano que prossegue a sua viagem.

Talvez diferentemente do que esperávamos, na Ygreja não assistimos a um ritual (nem há presença de Sacramentos, estamos na margem do auto sacramental), antes a um prolongado louvor à Virgem Maria que, em certa medida, substituirá Cristo na Terra, após a sua definitiva partida para o Pai.

Mais ainda: o louvor não sai apenas da boca de uma Igreja que aceita de bom grado a cura do doente («farey cura tam evidente/que, polo mundo, se veja/espalhada»),<sup>33</sup> sai também das dos seus Doutores, neste caso, Gregório, Jerónimo, Ambrósio e Agostinho que, sem qualquer apresentação iconográfica, têm jus a uma réplica cada um, apenas mais apelativa a última, mas qualquer delas atravessada por ecos escriturísticos bem marcados<sup>34</sup>.

---

<sup>25</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 41.

<sup>26</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 44.

<sup>27</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 44.

<sup>28</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 44.

<sup>29</sup> *Obra ad Geraçam Humana*, 45.

<sup>30</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 45.

<sup>31</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 45.

<sup>32</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 45.

<sup>33</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 46.

<sup>34</sup> Os quatro grandes Doutores da Igreja Ocidental são, de facto, aqueles que aqui se apresentam. No *Auto da Alma*, Gil Vicente substitui São Gregório por São Tomás que só em 1568 seria proclamado Doutor.

A terminar, um convite da *estalajadeira* para a participação de todos num «cantar angelical»,<sup>35</sup> deixando nós o reparo de que, neste texto sem muitas cantigas, quase só os Anjos entoam cânticos de que, aliás, nem a letra temos.

\*\*\*

Apresentadas as duas versões da parábola, vejamos, então, como se organiza um argumento em que, especialmente a segunda se enfeixa muito a propósito, argumento esse que, nas suas linhas gerais, tudo tem a ver com a história da queda e salvação do género humano.

Aludiu-se já a um Anjo convertido em porta voz da introdução à peça. Será ele a abrir caminho para a entrada *em cena* das figurações alegóricas; dele, pela boca dos compadres, sabemos do porte aristocrático («mancebo tam doneguil»),<sup>36</sup> pela posterior conduta, da intenção de manter o respeito atencioso ao «auto»<sup>37</sup> (mais cuidada é a sua linguagem) que tem a seu cargo orientar.

E começam, então, as sequências sobre as quais virá architectar-se a retoma do discurso de São Lucas.

A protagonizá-las, com direito a participação ao longo de todo o texto, de imediato quebrando o inicial ritmo apressado e familiar, aparece-nos «Adam em pessoa/da geraçam humana»<sup>38</sup> em monólogo laudatório e agradecido que nos põe a par da sua criação à imagem e semelhança de Deus, num circundante universo que o serve e por cuja beleza não se cansa de dar graças:

A Elle Deos poderoso,  
Criador universal  
e Senhor,  
por todo ho universo  
Seu genero humanal  
dou louvor.  
E cada obra por si  
lhe de graças e louvores  
cada vez,  
porque as que dou por my  
nam igualam aos favores  
que me fez.<sup>39</sup>

---

<sup>35</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 50.

<sup>36</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 14.

<sup>37</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 16.

<sup>38</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 17.

<sup>39</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 19.

Assinale-se, desde já, que Adam será a única personagem a conviver, por momentos, a sós connosco, em duas estrofes de lamento após a queda e em duas outras em que reconhece a sua presunção em admitir corrigir os outros quando ele próprio sempre necessitaria de correcção, presunção de que, evidentemente, está arrependido, sendo que o arrependimento, neste, como nos escritos de que a seguir nos ocuparemos, é a mais sólida pedra de toque para que tudo termine em bem.

Sobre os seus atributos, sabemos que Ihe é conferida, para mais tarde Ihe ser retirada, «a vistidura da inocencia e immortalidade» e que a Justiça Ihe dará uma «vara de condam».<sup>40</sup>

Mais importante, porém, é não ignorarmos que é sua a irreflectida, embora talvez bem intencionada, decisão de partir de Jerusalém para Jericó, e sobretudo, que acentuado fica o dever de uso do seu livre arbítrio (o «alvidrio»),<sup>41</sup> dever que assiadamente recordará quando, depois de vencido, insistentemente reconhece a sua responsabilidade na derrota:

[...]  
mas sey bem que por querer  
me matey;  
sey bem que perdi a Deos,  
e perdi a criaçam  
divinal.  
Ja nam sey se sam dos ceos  
que por minha maa tençam,  
sou mortal.

Perdi por minha maldade  
das cousas [a] obediencia  
que me davam,  
dos ceos tinha liberdade,  
as estrelas e ciencia  
me amavam.  
[...]

De tal maneira e modo  
que justamente mereço

---

<sup>40</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 21 e 41, por exemplo. Não significa isto que faltem alusões à Graça divina, que sempre vai olhando por Adam.

<sup>41</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 21, por exemplo.

estes fogos  
 que [em] minha alma de todo  
 e em meu corpo eu padeço  
 por mil modos.<sup>42</sup>

Para proteger ou para tentar Adam, outras figurações estarão alternadamente em acção.

Começemos por acentuar a presença de quatro Anjos (e não por acaso quatro, número do Bem, frequente nesta dramaturgia religiosa) que garantem o ritual da investidura, trajam de branco, cantam louvores («Cantemos gloria a Deos/das alturas,/e a paz nas criaturas»)<sup>43</sup> e parcialmente (só dois usam da palavra) comentam a simbologia dos seus gestos, através da qual fazem passar a mensagem da recta conduta para o investido. Mais lá para a frente, um deles (ou outro?) antevê muito brevemente as consequências da fraqueza de Adam («ficarás sem ser devino/com dores e desar[r]anjos,/como morto»),<sup>44</sup> assim cessando a angélica intervenção nesta *Obra* quinhentista.

Personagens adjuvantes são, sem sombra de dúvida, a Justiça e a Rezam. A primeira veste de vermelho e traz a vara dourada que passará ao viajante, a segunda vem de branco com uma régua igualmente dourada<sup>45</sup>.

Não deixa de ser do nosso interesse observar como se repartem as suas réplicas.

Inicialmente, o protagonismo cabe à Justiça que chega a traçar para o seu protegido Adam um programa não isento de recomendações de ordem social:

Aos pequenos farás  
 justiça como sentires  
 que a tem,  
 hos grandes castigarás  
 quando souberes e vires  
 que he bem.

Julgarás sem afeição,  
 sem amor, temor nem peita,  
 por taes modos,

---

<sup>42</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 43.

<sup>43</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 19.

<sup>44</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 34.

<sup>45</sup> A simbologia da vara e da régua tem, naturalmente, a ver com a rectidão e com o poder; as cores terão prioritariamente um efeito cénico, embora, sobre elas, se possa discutir o sentido.

que esta vara de condam  
sempre a tenhas direita  
ante todos.<sup>46</sup>

A pouco e pouco, porém, a Rezam vai impondo o seu saber, que se mostra, antes de mais, na chamada de atenção para os riscos da viagem e se reforça, depois da emboscada, na previsão de um futuro pouco animador («terás vida trabalhada/com suor de cada dia,/eu ho sey»<sup>47</sup>).

Lembremos ainda que, se a Justiça abandona o *homem* a seguir ao pecado, a Rezam com ele permanece (está apenas semi-vivo/semi-morto), embora sem lhe poder valer, talvez para que não esqueça a sua culpa na cedência à tentação (Aa, Adam, Adam, que fizeste?/Que já agora/ao Diabo obedeces,/e teu Criador perdeste/nesta ora.)<sup>48</sup>.

Espaçadamente, contudo, e sobretudo depois da chegada do Samaritano, ambas, Justiça e Rezam, se vão *apagando* até, por completo, abandonarem o local da representação; o ambiente muda, as figurações também; vão-se as virtudes alegóricas, fica Cristo e a sua Ygreja e é quanto basta.

Que dizer dos inimigos de Adam, os que o assaltam, roubam e ferem?

Os salteadores, lembremos o ensinamento dos glosadores, serão dois diabos (Abiram e Estaroque) que, como era habitual nesta dramaturgia portuguesa, apesar de forças do Mal, garantem o sabor cómico que o público sempre reclamaria. Invejosos da sorte do Homem, decidem torná-lo «ao revés»,<sup>49</sup> na suposição, adiante transformada em certeza, de que «ele se renderá/que lhe pes.»<sup>50</sup>

Para bom cumprimento do plano, contam com a colaboração da Malícia, «a maneira de molher velha,/com hũas orelhas de lobo/que lhe saem pollo toucado,/e como dona honrada», a qual, mais poderosa do que os mesmos enraivecidos demónios, convencerá Adam ao pecado com dois insistentes argumentos: quem não conhece Bem e Mal, nunca poderá fazer a escolha certa; a experiência do mando é sedutora e aprazível:

Nam pode saber que he branco  
quem o preto nam conhece,  
nem vermelho,  
mas fica de todo manco,

<sup>46</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 21.

<sup>47</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 36.

<sup>48</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 35.

<sup>49</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 27.

<sup>50</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 27. A fala faz lembrar a confissão da Alma no auto a que dá nome.

inorante, e perece  
 seu conselho.  
 Quem discreto a de ser  
 mal e bem a de provar  
 sem cuydado.<sup>51</sup>

E, como fores gostando,  
 seás feito sabedor  
 como Deos:  
 nesse ponto terás mando,  
 e serás grande senhor  
 la nos ceos.<sup>52</sup>

De notar a sucessão de tentativas de resistência por parte de Adam, que se convertem, aqui e ali, em singelos modelos de argumentação doutrinal, embora a vitória nesta disputa lhe não pertença: ficará, pois, ferido, sem a vara, sem a companhia da Justiça, lamentando-se de ter cedido à «serpe maleciosa».<sup>53</sup>

Sobre o que depois se passa já estamos informados.

Como despedida, retenhamos que, na sua simplicidade, a *Obra da Geração Humana* se antecipa a outras que, décadas depois, na Península Ibérica, em idêntica, embora mais elaborada, moldura, da intervenção cristológica na Salvação, exultantemente nos conduzem ao triunfo da Eucaristia, como persistente meio da presença do Redentor após a ressurreição.

### *Parábola e peregrinação*

Na travessia por *El Peregrino Acto Sacramental*, por seu turno, descobrimos sem dificuldade um texto sabiamente preparado para representação em dia de *Corpus Christi*, com ingredientes comuns a outros de coincidente finalidade (sendo certo que não poderia faltar a refeição eucarística final) e especificidades doutrinárias e estilísticas que, a par deles, rapidamente comentaremos.

Uma primeira leitura, ainda que por esta via não seja nossa intenção prosseguir, refresca-nos a memória para o lugar reservado aos carros alegóricos (dois neste caso), em espectáculo ao ar livre, para a complementar e imprescindível maquinaria, para a exuberância das figurações, garantida tanto pelas

---

<sup>51</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 31.

<sup>52</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 33.

<sup>53</sup> *Obra da Geraçam Humana*, 35. A título de curiosidade, ao finalizar a informação sobre este texto, lembro a sua representação, dramaturgicamente preparada, em 1978, no Teatro Nacional de D. Maria II, encerrado desde 1964, na sequência de um devastador incêndio.

didascálias, como por algumas réplicas das personagens (atente-se a título elucidativo, no troço protagonizado pela Penitência<sup>54</sup>, com cabeça de leão que encaixa e desencaixa do conjunto); e ainda nos convida a reflectir sobre o aproveitamento da música (algumas vezes em despique entre as vozes do Bem e as do Mal, outras apenas como disfarce tentador do Mal, outras ainda como envolvimento das forças do Bem) e sobre o efeito da polimetria (predomínio da redondilha de esquema abba, mas relativa relevância da canção e do romance).

Outras observações, porém, se prendem mais directamente ao objectivo deste modestamente *orientado* estudo.

Vamos, de acordo com o anteriormente praticado, começar com os dois aproveitamentos da parábola, agora sem antecipações introdutórias (podemos, a certa altura, cogitar sobre um disfarce «de ladrones»)<sup>55</sup> e, numa segunda recuperação, quase só *popularmente* musicada.

Depois de gizado pelos tradicionais inimigos do Peregrino (mundo, demónio e carne, aqui alegoricamente baptizados, como, de resto, noutros escritos)<sup>56</sup>, atordoado ele no acerto da direcção entre Jerusalém e Jericó, cumpre-se o plano de ataque com «ballestas y espadas»<sup>57</sup> e, apesar de assistência de mão amiga, fica o desprevenido caminhante maltratado e caído no solo, «medio muerto».<sup>58</sup>

Seguem-se, evidentemente, as aparições dos outros (autênticos) *actores* da parábola.

Talvez como excepção em textos com esta temática, nem o Sacerdote nem o Leuita falam; é-nos, no entanto, ensinado que um representa uma «ley homicida»<sup>59</sup>, e outro «el coro/de los antiguos profetas»,<sup>60</sup> a nenhum estando concedida aptidão para salvar quem quer que seja («se un sacerdote no pudo,/ mal vn leuita podrá»)<sup>61</sup>.

<sup>54</sup> Conservarei em espanhol as designações das figurações alegóricas; depois de algumas hesitações, pareceu-me o mais correcto. Sobre a simbologia do leão, às vezes, adaptada ao próprio Cristo, foi apresentada comunicação de Alan Deyermond ao *XI Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, León, 2005. As *Actas* estão em preparação.

<sup>55</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 396; de «bandoleros» se falará também, (404).

<sup>56</sup> Luzbel e as figurações dos vícios e das virtudes eram, evidentemente, normais nestes escritos; aproveito a ocasião para indicar que noutras obras de Valdivielso vamos encontrar personificações alegóricas que também neste auto nos sairão ao caminho, como, por exemplo, o Honor, a Hermosura, o Deleyte, o Plazer.

<sup>57</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 409.

<sup>58</sup> José de VALDIVIELSO, *EL Peregrino*, ed. cit., 409. Valdivielso adaptou também ao teatro a parábola do filho pródigo (*El Hijo Pródigo* que aparece incluído igualmente na primeira edição dos *Autos*).

<sup>59</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 412.

<sup>60</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 412.

<sup>61</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 412.

Acontece, porém, que, se sobre profetas se discorre, muito a propósito vem a entrada em situação de San Juan e esse, por seu turno, confiada e certamente, proclamará que «despues de mi llegará/el que es hecho antes de mí». <sup>62</sup>

Como e quando, será, para nós, previsível; sabemos pela parábola que chegará a tempo e, de facto, após apenas uma curta fala, eis-nos diante de Jesus/Samaritano que o Peregrino reconhece de imediato, comovidamente exclamando:

Diuino Samaritano,  
Dios de Dios, que de Dios vino,  
humano, con ser diuino,  
diuino, con ser humano;  
Samaritano os llamó  
el pueblo, y endemoniado:  
Lo segundo auéys negado,  
pero lo primero no.  
Es samaritano guarda,  
y guarda del hombre vos;  
que sólo guardará Dios  
a quien tan mal su Ley guarda. <sup>63</sup>

Sobriamente, o compassivo interlocutor aceita-se como «médico fiel» <sup>64</sup> e abraça-se com ele.

De atentar, ainda assim, nas confrangedoras marcas deste Cristo/Samaritano que, para além de todas as manifestações que a ligação ao texto evangélico e às glosas faziam prever, se nos mostra como alguém que vem «herido», «llagado» e tem «abierto el pecho». <sup>65</sup>

Um Cristo da Paixão, portanto, um Cristo ressuscitado(?), se preferirmos, o que faz todo o sentido porque com a morte na cruz salvou ele os homens e só a partir dessa morte se constituiu a Igreja em fiel depositária da sua doutrina e dos Sacramentos com que limpa do pecado quem a ela recorre.

Final feliz, como antevíamos, com música e dança; só talvez não contávamos com um novo arranjo da parábola acabada de se desenrolar diante de nós.

Ora é exactamente isso que acontece entre os versos 1285 e 1325, misturando o autor excertos de cantares profanos tradicionais (em motes ou estribi-

<sup>62</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 412.

<sup>63</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 413.

<sup>64</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 413.

<sup>65</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 413.

lhos) e excertos alusivos ao empenhamento do Bom Samaritano: num romancilho inicial, é o próprio Peregrino que resume, a cantarolar, os seus erros de distraído viajante, com o desprezo da *via penitencial*, até à queda nas mãos dos ladrões e ao desinteresse do Sacerdote e do Leuita («Herrara yo el camino/en fuerte lugar») <sup>66</sup>; numa canção, que se lhe segue, elogia-se a acção do Samaritano/Cristo («Lleuale sobre sus ombros/como a la perdida oueja/y con vino y con azeyte,/la medecina en su Yglesia») <sup>67</sup>; um colóquio final entre Cristo, a Yglesia, a Verdade e o Peregrino desdobra-se por mais uma canção, uma redondilha e nova canção, garantindo finalmente o *renovado* Peregrino que tudo guardará no seu coração.

Ou seja, é, afinal, um simples relato cantado, que, acolhendo, embora, posteriores interpretações, mais se aproxima, na singeleza, da historieta tantos séculos atrás contada por São Lucas, alegorizando alguns intervenientes e conservando, sem especiais conotações, a identidade de outros.

\*\*\*

Regressemos, então ao edifício textual completo para lhe salientar as traves mestras. Para recolher as feições deste novo protagonista e saber de adjuvantes e oponentes. Para comentar avanços e recuos naquela viagem entre Jerusalém e Jericó.

Comparada com a da obra anterior, a personagem central aparece-nos agora mais pessoalizada: dela fica-nos a certeza de que não é prioritariamente Adán <sup>68</sup>, ou sequer a *geração humana*, fica-nos antes a sensação de que é, afinal, sobretudo (talvez, não apenas) um simples homem, um cristão meio perdido, uma vez que, sobre a facilidade de interrupção da sua caminhada para a cidade santa, a ele assim se refere o Deleyte, em diálogo com Luzbel:

¿Esse es más hombre que Adán?  
 ¿Es más fuerte que Sansón,  
 más sabio que Salomón,  
 ó más priuado que Amán? <sup>69</sup>

Evidente, parece, a integração numa linhagem de anteriores vítimas de malfadadas intenções.

<sup>66</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 419.

<sup>67</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 419.

<sup>68</sup> No contexto, em que nos aparecem, as raras alusões a Adán confirmam esta suposição.

<sup>69</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 396. De Adán se diz que comeu a fruta oferecida por Eva (407).

É este Peregrino alguém que quer trocar a vida carnal pela espiritual, provavelmente desprezar o vício e adiantar-se na virtude, como se nos afigura ficar bem patente na tensão do diálogo inicial com a Tierra que, embora «cubierta de flores y yerbas, en la cabeza una ciudad o castillo»,<sup>70</sup> ele despreza como «madre y enemigo»<sup>71</sup> porque é insegura, e está envelhecida, apesar de ter consciência da total impossibilidade de, com ela, cortar por inteiro as amarras.

Para a segurança parte, desprezando a efemeridade do terreno, secundarizando o corpo e aquilatando o valor da alma, nem sempre, porém, assaz consciente no rumo certo, indiferente à urgência de uma conversão, de vez em quando pronto a insinuar os direitos da sua juventude, através de um convicto pregão de que «a la vejez bastará».<sup>72</sup>

A sua deambulação terá as aventuras que, entre os bons propósitos e os maus conselhos, ele aceitar experimentar, a meta final, propícia e motivadora, estará sempre ao seu alcance.

Convém, no entanto, desde já, e de novo pontuando o final, colocar como uma das feições marcantes deste protagonista, a sua forte capacidade de regenerar-se após os ferimentos, aliás, oportunamente clarificada através da confiança que, como vimos, desde a primeira aproximação ao Samaritano, sempre marca o seu comportamento.

E mais convém sublinhar que, neste texto, para o Peregrino, o pão e o vinho eucarísticos recebidos na Yglesia não interrompem, antes devolvem à sua original pureza e retemperam intenções de prosseguir numa via que, depois de vencida uma sucessão de desvios, se reconhece ditosamente como uma bela «romería».<sup>73</sup>

Encetemos agora, sem abandonar o simbólico retrato deste andarilho, mas introduzindo a personificação que sempre o escolta e protege (entre os dois se travarão diálogos que muito nos importam), uma tentativa de compreensão da Verdade que é, neste auto, uma das figuras mais actuautes e convincentes.

Ao invés do que se verifica em escritos similares, é ela a única presença a amparar o Peregrino, a única sempre a seu lado em praticamente em todo o auto, com excepção da *cena* primeira, embora diferentemente posicionada (do alto ou ao lado, dirão as didascálias).

No seu modo de ser, agir e expor-se, alguns factores são fundamentais, sobretudo porque aparentemente entre si contrastantes.

<sup>70</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 387.

<sup>71</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 389.

<sup>72</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 399. «Moço soy» dirá noutra ocasião (404).

<sup>73</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 418.

Comecemos com a imagem física iniciada em didascália (um moço com «hábito de pastor») <sup>74</sup> e reforçada, de seguida, com palavras bem condizentes com iniludível linguagem popular:

Hija soy de buenos padres,  
por quien riñen las comadres  
quando les dizen quien soy.  
[...]  
Soy morena, aunque graciosa;  
soy libre, aunque muy sujeta,  
y soy una fea discreta  
y vna aborrecida hermosa. <sup>75</sup>

«Rapazillo» na boca do Honor <sup>76</sup> e «mozuelo», na do Deleyte <sup>77</sup>, a *jovem Verdad* trava com os inimigos duelos verbais que em nada contradizem a sua condição de arraia miúda, certa na resposta insultuosa e exaltada na justeza das suas razões. «Rompe-necios», «mas vellaco que Garrote» e «fullero», por exemplo, são mimos verbais com que contraria outros tantos saídos da boca de um adversário <sup>78</sup>.

E, no entanto, esta Verdad, despretenciosamente simplória, concentra em si uma ampla ferramenta de aconselhamento que cabalmente dispensa qualquer outra segurança para o nosso Peregrino; ferramenta que, convém testemunhar, lhe advém de uma sabedoria alargada a todos os domínios da vida humana.

Vejamos como e quando se manifesta ela, perseguindo a ambos nas atribuladas idas e vindas que constituem o argumento-base do auto.

Adormece, cansado, o solitário viajante e principia este *dissimulado anjo da guarda* o rol de asisados informes sobre caminhos, através de um bem urdido jogo de contrastes e assimilações («Deleyte»/«Virtud», «gustos»/«penas», «rosas»/«espinas», «vivos»/«muertos», «pan que no harta»/«pan que harta»,

<sup>74</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 390.

<sup>75</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 394. São muitas as falas da Verdad em que o bom senso e o bom humor imperam; nela reconhecemos muitos pontos de contacto com o habitual gracioso da *comedia* espanhola da época.

<sup>76</sup> José de VALDIVIELSO, *El peregrino*, ed. cit., 402.

<sup>77</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 405.

<sup>78</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 403. Pela insistência no desdém com que Honor e Deleyte se referem à Verdad passa, sem dúvida, uma crítica social: a verdade não é apreciada nem praticada na *boa* sociedade.

«vino de dragones»/«vino de Dios», etc)<sup>79</sup>, acorda ele e a mesma Verdad o conduz, de imediato, para o espaço da Penitencia que de uma «cueva»<sup>80</sup> sai com o atrás apontado aspecto exterior, simultaneamente lhe explicando sentidos e benefícios das «espinas» que o vão incomodando<sup>81</sup>.

E aqui cabem, talvez, duas necessárias reflexões: a primeira tem a ver com o facto de também este sentido penitencial ser indispensável para a chegada à meta desejada (Verdad, única conselheira, Penitencia, única via segura), contrariamente à pluralidade que iremos encontrar nos adversários obstaculizadores e nas suas estratégias; a segunda será uma chamada de atenção para o facto de sempre, ao longo dos vários segmentos do percurso, a Verdad minuciosamente aclarar causas e consequências das opções que recomenda, assim se convertendo em portadora de uma doutrina coerente que ganha direito a um registo, independentemente de ser ou não impulso para decisões concretas (releiam-se, a título elucidativo os passos sobre os derradeiros fins ou sobre a Trindade).

Prosseguindo antecipações, recados e constatações, particularmente prevenida se mostra ela no curioso episódio do banquete oferecido pelo Deleyte que virá a ter o seu natural contraponto no manjar eucarístico aprontado para o final do auto.

Apresentados quatro pratos cobertos, de cada um deles conhece o verdadeiro (e dissimulado) conteúdo, assim desmascarando quem pretendia iludir o ingénuo convidado; destapa-os e, então, *voam* a honra e a dignidade (primeiro prato, um pássaro), a riqueza (segundo prato, um bocado de carvão), a formosura (terceiro prato, uma caveira), o vazio (quarto prato, nada).

Com eles, desaparecerá o próprio Deleyte que «es nonada entre dos platos».<sup>82</sup>

Mais ainda, não é irrelevante que essa Verdad-sabedoria-recta conselheira se enriqueça muitas vezes com convenientes atribuições.

Assim é que, depois da queda do Peregrino, ela se ergue como voz da esperança, insistindo na eficácia de uma continuada súplica para uma misericórdia que não faltará, numa tirada anafórica que é das mais conhecidas da obra:

<sup>79</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 391.

<sup>80</sup> José de VALDIVIELSO, *El peregrino*, ed. cit., 398.

<sup>81</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 388, 393, 395, 397, 401, pelo menos. A metáfora das «espinas» tem sentidos ligeiramente diferentes, conforme as situações, mas nem por isso deixa de ser uma presença ao longo da obra.

<sup>82</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 408. Esta apresentação de dois episódios com pratos simbólicos aparece também no teatro profano; lembremos *El Villano en su Rincón* (Lope de Vega) e *El Burlador de Sevilla* (Tirso de Molina?), a título elucidativo.

Pide el agua del Jordán:  
 pide la hiel de Tobías;  
 pide la capa de Elías  
 [...]  
 Pide el blanco vellocino  
 [...]  
 Pide el Cordero que salua,  
 [...]  
 Pide la columna rubia  
 [...]  
 Pide al fiel Samaritano,  
 que es guarda de sus ovejas,  
 y a tus lágrimas y quejas  
 le verás venir vñano.  
 [...].<sup>83</sup>

É então que, aos poucos, e sempre incorporando novos elementos, vai a calorosa previsão de reconfortante ajuda cedendo o lugar ao anúncio do reparador que se aproxima; e é ainda a Verdad quem o introduz, descortinando-o ao longe, primeiro, e dele se aproximando de seguida, compassadamente entoando um metafórico hino de louvor:

Volando miro que viene.  
 Como viene a perdonar,  
 viene en plumas de sus vientos  
 y en alas de serafines.  
 Toque el cielo sus clarines,  
 sus caxas los elementos!<sup>84</sup>

Fiel ao seu compromisso de *fada madrinha*, será ainda a Verdad que, numa ampla tirada, ampliará, depois, as benéficas consequências da passagem do Samaritano, com veemência, uma vez mais, exaltando a força do arrependimento, aquilatando os efeitos daquele «vino de penitencia» e daquele «licor de la oliva» com que Cristo unguirá o maltratado Peregrino<sup>85</sup> e, por entre ressonâncias bíblicas, com este se encaminhando para a «estancia régia apercebida para un

<sup>83</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 413.

<sup>84</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 413.

<sup>85</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 415.

banquete»,<sup>86</sup> onde se encontrarão a Yglesia e, desta feita, com ela, Pedro, Juan (Evangelista) e Santiago, «patrón de Castilla».<sup>87</sup>

Tomada a comida eucarística, correspondente eficaz e evidente daquela outra antes proporcionada pelo Deleyte, os dois (Verdad e Peregrino) retomarão a sua rota, mas, estranhámos nós, embora deparemos com alusões a Jerusalém e a Jericó, os seus passos finais conduzi-los-ão até...Roma, o que tem levado alguns críticos a propor para a estreia do auto o ano santo de 1600.

Indissociável da sua função junto do Peregrino, a Verdad merece, no entanto, em parte por isso, mas não só, alguns acrescentos na sua autocaracterização, recolhidos em versos que, confrontados com os anteriormente citados, nos oferecem a dupla face de uma *moeda* de que, em palavras da própria, só conhecíamos a primeira:

Soy más que el aire sutil;  
 soy más pura que el christal;  
 soy más fina que el coral  
 y más limpia que el marfil.  
 [...]  
 Soy la[s] tablas de la ley.  
 Soy quien desprecia la muerte,  
 soy, más que la mujer, fuerte,  
 más que el vino y más q[ue] el rey.<sup>88</sup>

Dissemos do Peregrino e das suas duas únicas amarras ao Bem, a Penitencia, pouco tempo connosco, mas espectacularmente pujante e, a cada passo, encarecida, e a Verdad que nunca, no viver do homem, pode ser preterida.

Diremos agora, com menos detença, do restante elenco desta pequena obra prima de Valdivielso, reconhecemos que um pouco esquecida pelos estudiosos do teatro espanhol.

Numerosos são os inimigos deste Peregrino; nem a todos cabe o mesmo quinhão de participação, visto que por distintas etapas actuam, ora em mal intencionado conluio, ora isoladamente, ainda que para comum finalidade. Não há, porém, dúvidas quanto ao responsável-mor, um Luzbel invejoso das potenciali-

<sup>86</sup> Esta informação didascálica não se encontra na edição que venho citando, mas está registada na edição da Biblioteca de Autores Españoles, tomo 58, Madrid, Ribadeneira, 1865, 214. Julgo que pode ajudar a visualizar a *cena*. Quanto a ressonâncias bíblicas, a edição mais moderna desvenda-as em *Notas Aclaratorias*.

<sup>87</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 416. Recordemos que são simultaneamente os *discípulos amados*.

<sup>88</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 405.

dades do homem, que classifica a Verdade de «loca deslenguada»<sup>89</sup> e tem como aliados o Deleyte (o mais colaborante de todos), o Engaño, o Plazer, o Honor, a Hermosura (silenciosa, mas bem desperta), a Mentira.

Embora sobre fisionomias e trajes não sejamos muito informados, somos alertados para uma relativa variedade nas colocações espaciais de cada um, como garante de movimentos, alternâncias e intercepções: o Plazer tem uma «ciudad»,<sup>90</sup> cuja porta fecha quando diante de si surge a Verdade, o Honor é dono de uma «venta»<sup>91</sup> e desiste de adular o Peregrino, depois de um comicamente inflamado combate verbal com a sua acompanhante, a Hermosura é senhora de uma «casa» e o Deleyte tem (ou é?) «un río [...] con prolongación hasta el escenario».<sup>92</sup> E, deste, sim, ficamos cientes de que veste de «muger»<sup>93</sup> e agirá com o impacto a que se aludiu ao falar dos *cuatro platos cobertos*.

Adiante, e como previsto, alguns aparecerão de salteadores «con ballestas y espadas»<sup>94</sup> e, depois de guerra aberta com a Verdade, deixarão por terra o pobre Peregrino.

Segue-se, então, a teatralização da parábola, mas, a propósito dessa, já o principal foi dado a conhecer.

Foram-se os salteadores, ficaram os emissários do Bem.

Salva-se o Peregrino, acolhemos nós a lição do desconcerto do Homem e do perdão de Deus, através do sacrifício de Cristo.

### *A parábola, convergências e pluralidades*

Passemos a Calderón, a *Tu Prójimo como a Ti*, para salvaguardar, desde logo, a sua mais funda densidade doutrinal e moral, sobretudo no que ela depende de um incontestável saber fazer dramático e de uma inigualável destreza no arranjo poético, multiplicando contornos humanizados, conciliando longos e muito

<sup>89</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 395.

<sup>90</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 400.

<sup>91</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 401.

<sup>92</sup> Estas duas indicações aparecem apenas na edição da BAE, 208.

<sup>93</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 403.

<sup>94</sup> José de VALDIVIELSO, *El Peregrino*, ed. cit., 409. Uma vez que nos cruzámos com um autor muito menos conhecido do que Calderón de la Barca, de quem, de seguida, nos ocuparemos, deixo sobre ele estas brevíssimas informações: viveu entre c.1560 e 1638, legou-nos vasta obra poética, entre a qual se distingue um *Romancero Espiritual*, com seis edições entre 1612 e 1618 e relacionou-se com importantes vultos das letras espanholas como, por exemplo, Lope de Vega. Dois autos seus (*El Hijo Pródigo* e *La Serrana de Plasencia*) podem ler-se a partir do *site* do Instituto Cervantes ([www.cervantes.es](http://www.cervantes.es)).

curtos falares, variando esquemas, sem quase sair do tradicional octossílabo<sup>95</sup>.

A ela não será até, talvez mesmo, alheia a repetição pouco intervalada de um título que, mais directamente do que os anteriores, congrega um nítido apelo para uma prática cristã de longa, embora não sempre produtiva, pregação.

O preceito nele encerrado é, de facto, tanto preconizado pelos que o defendem, como pelos que com ele ironizam, tanto proclamado pelo Lebita e pelo Saçerdote, como pelo Samaritano, tanto repetido antes como depois da entrada na [Igreja]/casa de Pedro<sup>96</sup>.

E, com ele, festivamente, em apoteose musicada, termina o auto:

Pues el ejemplo te di,  
Hombre, que ames, te ruego,  
a Dios sobre todo, e luego  
tu prójimo como a tí.<sup>97</sup>

Outras vertentes argumentais serão, porém, para nós, mais chamativas, entre as quais, não convirá menosprezar as *voltas e reviravoltas* dadas à antiqüíssima parábola.

Numa primeira fase, trata-se de uma espécie de visãoção antecipada (mas com elementos estranhos, pontualmente até recolhidos de outras parábolas, como a dos talentos<sup>98</sup>: o Hombre/Jénero Humano, «vestido de pieles»,<sup>99</sup> acorda de certo letargo e decide trocar de morada para melhor acumular prazeres e riqueza; pede, então, ajuda a quem, pelas proximidades circula: um Lebita «vestido de Saçerdote a lo antiguo»,<sup>100</sup> um Sacerdote «viejo venerable, vestido de

---

<sup>95</sup> O auto espera ainda pelo estudo atento e pormenorizado a que tem direito, se tivermos em conta a sua alta qualidade dramática; esse estudo está, em boa hora, a ser levado a cabo pela equipa do GRISO da Universidade de Navarra. Desde já se pode adiantar que são muitas as suas semelhanças com *La Nave del Mercader*, o que levou alguns críticos, como Valbuena Pratt, na sua edição de *Autos Sacramentales*, Madrid, Aguilar, 1952, a remeter para 1674 uma das suas redacções.

<sup>96</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Tí*, ed. cit., 111, 115, 117, 133, 167, 171, por exemplo.

<sup>97</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Tí*, ed. cit., 237.

<sup>98</sup> Ao longo do texto encontraremos referências explícitas ou implícitas a outras parábolas, como, por exemplo, a do filho pródigo.

<sup>99</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Tí*, ed. cit., 103. A insistente chamada de atenção para três idades do homem (as três leis) está nesta, como em muitas outras obras do teatro ibérico, de Gil Vicente a Calderón, pelo menos.

judío»,<sup>101</sup> e um Samaritano «de galán».<sup>102</sup>

A *generosa* resposta chegará através de talentos que são respectivamente os sentidos (cinco talentos), as potências (vontade, memória e entendimento, três talentos) e o livre arbítrio (um talento), acompanhados de jóias que os metaforizam, «un sombrero con un çintillo de oro y piedras»,<sup>103</sup> «una cadena y pendiente de ella un corazón de piedras»<sup>104</sup> e «una sortija».<sup>105</sup>

Um pouco à margem, fixemos ainda que, desde o primeiro diálogo entre o Homem e o Samaritano, estranhando aquele a compostura do traje do seu interlocutor, lhe responde este que tal porte traduz, de facto, a sua interior dignidade; se alguns a negam, deve-se isso ao facto de ignorarem ainda que ele transferiu para si as insuficiências dos seus concidadãos, o que deu origem a vulgarizadas más interpretações (antevisão do sacrificio de Cristo, naturalmente).

Numa segunda etapa, distingamos dois momentos, o da preparação da armadilha nocturna e o da actuação dos ladrões.

Logo que o audacioso golpe fica planeado, se altera a ordem dos bens a recolher, o que, evidentemente, se não faz ao acaso: antes de mais, o Mundo roubará as *memórias* e a Lasçibia o coração que, parcialmente, as representa; ao Demonio caberão os sentidos, sendo que, para a Culpa, que todo o esquema montou, ficará o ataque final ao «cabrestillo/que es el yugo de la ley».<sup>106</sup>

Curiosamente, a exposição do projecto segue-se à clarificação da alegoria anteriormente representada, em tirada da sua máxima responsável de que recolheremos alguns excertos, sem repetir a *inteligente* distribuição das tarefas:

El sentido es este  
de la letra, amigos,

---

<sup>100</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 105.

<sup>101</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 109.

<sup>102</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 113. Lembro que outros autos de Calderón se baseiam em parábolas, como, por exemplo, *La Semilla y la Cizaña*, *La Siembra del Señor* e *La Viña del Señor*.

<sup>103</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 107.

<sup>104</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 111.

<sup>105</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 115.

<sup>106</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 131. Mundo, Demonio e Lasçibia representam, evidentemente, os três inimigos do Homem, Mundo, Demónio e Carne. São muitos os autos sacramentais de Calderón em que encontramos as figurações que neste nos aparecem; lugar de relevo tem a Culpa, seguida, talvez (não fiz análise estatística), da Lasçibia, do Demonio e do Mundo; mas também o Homem, o Desejo, a Gracia, o Lucero, Pedro, San Juan e até Santiago têm algum protagonismo.

de la alegoría,  
vaya aora el sentido.

[...]  
Todos conbienen en que  
el errado peregrino  
de la parábola a quien  
robaron en un camino  
el Género humano es  
y los ladrones, los viçios.

Pues si en esta parte ya  
el alegórico estilo  
de ladrones nos moteja  
con la nota de vandidos,  
hagamos verdad la nota  
con robos, con omiçidios,

[...]  
Veamos, pues, si conseguimos  
la metáfora del robo,  
de que al Hombre abrán servido  
del Levita la ynstrucción,  
del Saçerdote el aviso,  
del Samaritano el fuero,  
y de los tres los tres ritos;<sup>107</sup>

De seguida, o Demonio se encarregará do Deseo do Hombre, para, com o seu próprio consentimento, o manipular; ao mesmo tempo, «de dama»,<sup>108</sup> a Lasçibia se incumbirá do já desacompañado Hombre, para, sem tréguas, lhe aniquilar as fracas resistências.

Enfraquecidos Deseo e Hombre, chegará, então, a altura certa para a execução do enredo tão minuciosamente urdido.

Silenciosamente retirado o coração (e com ele, o livre arbítrio), o lanço final não tardará; os quatro salteadores, com pistolas e mascarilhas, acometem impiedosamente o tão imprudente quanto responsável Hombre; como previsto, o

---

<sup>107</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Ti*, ed. cit., 125-131. Na versão A, registada na edição que sigo, encontra-se mesmo uma referência a Lucas (122).

<sup>108</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Ti*, ed. cit., 153. O disfarce feminino, que já encontramos em *El Peregrino*, repete-se também nestes autos; não deixamos de compreender a *intenção*.

Demonio cumprirá a tarefa assinalada de se apoderar do «sombreiro»,<sup>109</sup> o Mundo tirará a «sortija»<sup>110</sup> e a Culpa, que tudo mentalmente construiu, repetimos, assegnorear-se-á do já citado «yugo de la ley».<sup>111</sup>

Ou seja, e resumindo, para neutralizar qualquer resistência da vítima humana, importou, antes de mais, detectar as suas fragilidades, tecer uma rede de enganos, esvaziá-la das potências, só depois dos sentidos e, finalmente, como derradeira instância, da ligação à lei cristã.

Réplicas e objectos simbólicos cruzam-se no apelo à resposta afectiva do leitor/espectador; a fraude materializa-se, sem perder a conexão com as intenções que a determinam. A *cena*, marcada (também) pela violência verbal não é longa, antes de uma rapidez quase vertiginosa, o *quantum satis* para que o Homem fique prostrado e impedido de continuar viagem, lamentando ter dado ouvidos a vozes de aduladores («O qué tarde me arrepiento!»), proclamará quando já não há remédio<sup>112</sup>.

Prossigamos, porém, esta sucessão de núcleos dramáticos em que a nossa evangélica historieta se vai transformando perante quem a lê ou (melhor) a vê representada.

Não custará admitir um faustoso cenário para a sua próxima incursão no auto (dentro de «una apariencia que llaman de banadera» haverá «quatro nichos» de onde sairão, cada um por sua vez, «la Noche vestida de negro con estrellas», «el Lucero, vestido de piedras como pintan a San Juan Bautista», «la Alba con tunicela blanca y manto azul» e «el Sol»), à medida que nos vamos aproximando do grandioso final<sup>113</sup>.

Vencido e apenas acompanhado pelo seu Deseo, agora já inteiramente do seu lado (lembramos que nem sempre assim foi), o Homem vai, uma vez mais, implorar piedade, enquanto as horas correm e as sombras irão, pouco a pouco, dando lugar a mais e mais claridade.

Impera a Noche, passa apressado o Lebita e, pela sua desculpa, amedrontado que, para mais, está com a escuridão e o receio de salteadores, percebemos que vive nas trevas e é sincero quando diz que nada pode fazer:

<sup>109</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 171.

<sup>110</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 171.

<sup>111</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 171.

<sup>112</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 173. Uma vez mais convém sublinhar a importância do *arrepentimento* nesta escalada para a regeneração.

<sup>113</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 183-207. A «debanadera» está colocada sobre o primeiro carro alegórico; contamos neste caso com quatro carros, como era normal no teatro de Calderón. A sucessão, a que vamos aludir, era (e é?) frequente na tradição literário-iconográfica. Achei curioso encontrá-la numa exposição realizada no âmbito de Faro, capital da Cultura, ainda em 2005: os luzeiros (noite e dia), Nossa Senhora da Conceição e Cristo/Sol (*A Invenção do Mundo*).

Ay de mí, que yo no puedo!  
 Porque el ynfinito daño  
 pide ynfinito remedio,  
 y en mí no le ay ynfinito.  
 Ya yo le di mis preceptos;  
 si él no bastó a destruirlos, yo  
 no basto a satisfaçerlos;<sup>114</sup>

A mudança para o «lucero»<sup>115</sup> traz consigo a passagem do Saçerdote; já temeroso de que a alegoria de San Juan («Si corriendo la cortina/al alegórico velo/hallo en persona de Juan/significado el lucero»)<sup>116</sup> signifique a secundarização de antigas profecias e o menosprezo da sua lei, quer esgueirar-se rapidamente enquanto, à sua roda, tudo ainda está «a media luz».<sup>117</sup> Em todo o caso, ouve o ferido, embora a sua resposta termine similar à de quem o antecedeu:

Si haré, pero  
 al mirarle tan erido,  
 confuso y dudoso tiemblo;  
 yo no me atrebo a ayudarle  
 en peligro tan ynmenso,  
 en tanto que no sea ynmesa  
 mi autoridad; mis talentos  
 le di; no basto a cobrarlos  
 si él a bastado a perderlos;<sup>118</sup>

O terceiro nicho é transposto pela Alba que, sem hesitações, identificamos com a Virgem Maria («vendita me llamarán/todas las jeneraciones»)<sup>119</sup> e, como que para saudá-la, no *tablado* entrará a Gracia, antevendo já uma continuação no desfile das figuras («Al Lucero sigue el Aurora/y es fuerça al Aurora también siga el Sol»)<sup>120</sup>.

<sup>114</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 181.

<sup>115</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 183.

<sup>116</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 187. Recorde-se que San Juan vem vestido de peles, o que aproxima a figuração das habituais representações iconográficas do santo; era corrente esta coincidência, nos traços visuais das personagens, entre as artes visuais e as escolhas cénicas.

<sup>117</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 187.

<sup>118</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 189. Será que, no sexto verso, deveríamos ter *ynmensa* e não *ynmessa*?

<sup>119</sup> Calderón dela BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 201.

<sup>120</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 197. A Virgem será indiferentemente Alba e Aurora.

Em sucinto diálogo cantado, deixam a alegre esperança de uma outra e próxima vinda, iniciando a aceleração do processo de esmorecimento da Culpa e dos seus apaniguados que, talvez ligeiramente escondidos, assistiam às alterações de sombras, luzes e corropio de personagens cada vez menos do seu agrado.

Do quarto e derradeiro nicho, por fim, surge o Sol/Cristo/Samaritano que, depois de ásperas trocas de razões com o Mundo e com o Demonio<sup>121</sup>, será quem, sem excusas, acudirá ao Hombre chagado no corpo, contrito no espírito e desejoso (continua o Deseo a dar-lhe energia) de reparar anteriores leviandades, com um desinteressado amor a Deus que não se cansa de apregoar:

Deme el dolor las palabras.  
 Si esta sangre por Dios haçer pudiera  
 que la herida a los ojos la pasara,  
 antes que la vertiera la llorara;  
 fuera elección y no violencia fuera.  
 Ni el ynterés del çielo me moviera  
 ni del ynfierno el daño me obligara;  
 sólo por ser quien es la derramara  
 quando ni premio ni castigo hubiera.<sup>122</sup>

Carregado ao ombro do piedoso *passageiro* que, enigmaticamente, para ele que não para nós, lhe promete a vida, parte o Hombre, confiado no seu restabelecimento, admitimos que estranhando ouvir da boca do seu libertador a confissão de um anseio de morte: «con más ansia/ que el vivir, morir deseo».<sup>123</sup>

E, de facto, chegados à casa da Gracia, a Igreja, mais abertamente identificada nos anteriores autos, apressa-se aquele Sol a partir, depois de, a Pedro que a ambos acolhe, deixar as suas determinações quanto a poderes, meios ao dispor e sua certeza de voltar.

Julgáramos, talvez, que Sacerdote e Lebita já não fariam falta na enenação, mas, sem os esperarmos, regressam eles, por momentos: o primeiro para defender os «pan y vino/que Melchisedehc consagra»<sup>124</sup> e o segundo para proteger o «yncorruptible manná»<sup>125</sup> que a arca santa contém. São bens que ambos salvaram de ocultos e temidos perigos.

<sup>121</sup> Como no Novo Testamento, o Mundo não conhece Jesus e o Demonio tenta-o.

<sup>122</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Ti*, 217. Nesta réplica muda significativamente a verificação, com a introdução do decassílabo mais apropriado à expansão de tão nobre sentimento.

<sup>123</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Ti*, ed. cit., 219.

<sup>124</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Ti*, ed. cit., 233.

<sup>125</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Ti*, ed. cit., 233.

Pouco falam, pouco agem, mas, em parte pelos comentários paralelos da Culpa, ficamos a saber que não são os seus rituais ainda «el preçio ynfinito» de que o Homem necessita para lhe escapar<sup>126</sup>.

Não em vão, em todo o caso, se pronunciam e movimentam eles. Mais informados do que a Culpa, percebemos, sem urgência de esclarecimentos, que, agora, estão ali, com os seus tesouros, para antecipar o aparecimento da Eucaristía que não irá tardar.

\*\*\*

Clarificado, na medida do possível, este jogo de transfigurações da parábola, e aproveitando o apoio da sua mais eclesial vertente, já que à Igreja chegámos (disso não temos dúvida), na Igreja permaneçamos.

Trata-se de «una fábrica pequeña», entre «peñas pardas» e é sua proprietária principal a Gracia<sup>127</sup>; feita a solicitação de entrada pelo Deseo, apenas «un ançiano/viejo solo [...] /tan ynmobil que de piedra/parece» acode à chamada; e realmente «Piedra le llama/pues es la piedra en que yo/fundaré sus esperanças», responderá o Sol ao Deseo<sup>128</sup>.

De acordo com um traçado que o afasta tanto da *Obra* como de *El Peregrino*, será Pedro, «viejo venerable»<sup>129</sup>, o único anfitrião da Igreja e será, portanto, a ele que Cristo/Samaritano com advertências que ainda não tínhamos escutado, uma vez que não aparece qualquer inventário simbólico de tentativas de cura anteriormente (faltam as menções a ligaduras, azeite ou vinho), ordenará as medidas necessárias para que o doente recobre a perdida saúde.

Nesta ocasião, dizem tudo as suas palavras, quanto aos poderes que dá à sua Igreja e a quem a governa na Terra:

[...] ; trata  
de ligarle las eridas,  
que quantas cosas ligadas  
fueren de tí lo serán  
de mí, y si las desatas  
también de mí quedarán  
absueltas y desatadas.  
La costa que el Hombre hiçiere

<sup>126</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Tí*, ed. cit., 235.

<sup>127</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Tí*, ed. cit., 221.

<sup>128</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Tí*, ed. cit., 221.

<sup>129</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Tí*, ed. cit., 223.

mientras combalece y sana  
 toda la e de pagar yo.  
 [...]
   
 fia en mi palabra  
 y pues a mi cuenta quedan,  
 cree que bolveré a pagarlas.<sup>130</sup>

Instala-se, pois, a segurança quanto a um porvir de paz e entendimento; total é a confiança de Cristo no seu sucessor, e prometido está o sacrifício da sua vida para salvação deste Hombre (e da humanidade inteira que ele transporta dentro de si, podemos acrescentar).

Pedro terá, como auxiliar na tarefa a levar a cabo, «toda la familia de la Gracia»,<sup>131</sup> ou sejam, os Sacramentos pelos quais vai chamando e que acorrem em figura de «dos hombres y dos mujeres»<sup>132</sup> (estará ausente o Matrimónio); então o Bautismo lavarás as feridas, a Confirmación usará do azeite e do bálsamo, a Penitencia será dura mas determinante, a (Estrema)-Unçión substituirá sentidos e potências. Pela Orden Saçerdotal responderá o *incontestado apóstolo*, a cada um prestando a colaboração necessária «hasta/que, sano el Hombre, vea el Mundo/como a su prójimo ama».<sup>133</sup>

Seriam os desígnios cuidadosamente cumpridos sem sobressalto, não fosse a reentrada na *representação* dos inimigos do Hombre, preparados para não perderem as jóias que tinham feito suas; a contenda irá desdobrar-se, então, aos pares: o Bautismo renhirá com a Culpa, a Confirmación com a Lasçibia, a Penitencia com o Mundo, a Estrema-Unçión com o Demonio; debilitados já pela infrutífera resistência, aniquilados ficarão os traidores quando reaparece o Sol, acompanhado pela Gracia e pela Aurora e «delante un altar con el sacramento», a Eucaristía que tínhamos todos os motivos para aguardar<sup>134</sup>.

Cristo decretará, então, o triunfo final sobre a Culpa, o Mundo, o Demonio e a Lasçibia:

Y él que, de aquel pan y vino  
 y aquel manná, que pasadas  
 sombras fueran, cumple oy

<sup>130</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Ti*, ed. cit., 223.

<sup>131</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Ti*, ed. cit., 225.

<sup>132</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Ti*, ed. cit., 225.

<sup>133</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Ti*, ed. cit., 227.

<sup>134</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Ti*, ed. cit., 235. Esta luta entre Sacramentos e forças do Mal está também presente no auto intitulado *No hay Instante sin Milagro*.

su promesa en la ostia blanca  
de aqueste gran sacramento:  
pues faltando la sustancia  
del pan y vino, y durando  
dél los acçidentes, pasa  
a ser carne y sangre, siendo  
preçio ynfinito a la paga  
de la curación del Hombre  
en su ynfinita desgracia.<sup>135</sup>

Está inequivocamente consolidado o objetivo de um auto sacramental.

\*\*\*

Falemos ainda um pouco de inimigos, amigos e do Hombre-protagonista, atacado por uns e amparado por outros.

Já estamos informados de que são quatro os inimigos; importa, porém, reafirmar a sua hierarquização porque nem todos têm igual parte no ardid; à cabeça, a Culpa a cada um dos outros convoca ordenadamente, Mundo, Demonio e Laşçibia; distinguindo *moradas* e habitantes, os carros serão as residências que abandonam ao iniciar-se a acção.

Certamente com algumas diferenças, os intervenientes têm em comum o traje de «bandoleros» (ou «vandoleros»)<sup>136</sup> e, no momento do assalto, as «pistolas» e as «mascarillas»<sup>137</sup>; diferenciam-se, porém, nas funções, como verificámos na *corrida* aos preciosos bens do descuidado viajante, confirmando o que nos haviam dito na sua autocaracterização inicial, em réplicas mais ou menos longas<sup>138</sup>.

O que, no entanto, mais abertamente os distingue dos equivalentes na *Obra* e em *El Peregrino* é a continuidade da sua acção, conjecturada, neste caso, antes do aparecimento do Hombre, concretizada, de acordo com o esboço transcrito, e implementada para recuperação de anterior vitória até bem perto do fim, quando a derrota se impõe como inevitável.

Não se justificando o acompanhamento, passo a passo, de cada um individualmente, fixemo-nos, por instantes, na Culpa para, pelo menos, avaliarmos os

<sup>135</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Ti*, ed. cit., 235.

<sup>136</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Ti*, ed. cit., 97 e 99. São também «vandidos» e «ladrones» (117, 125).

<sup>137</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Ti*, ed. cit., 167.

<sup>138</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Ti*, ed. cit., 99, 101 e 121.

altos e baixos de quem mais congeminou, mais agressivamente procedeu e mais obstinadamente admitiu um (inalcançável) triunfo:

Abre ela o texto, com uma incisiva fala que é já sinal de premeditado chamamento de auxiliares:

A de la cumbre del monte!  
 A del elebado risco,  
 parda embidia, si no verde  
 emulación del Olimpo!  
 A de la ynferior esfera  
 del Mundo! A del Mundo mismo!  
 Arvito dueño de quanto  
 mira el sol!<sup>139</sup>

E, no entanto, a sua autodefinição só virá mais tarde, depois de ficcionado o primeiro encontro do protagonista com as *reais* personagens da parábola; será ampla, repetitiva, pormenorizada, dando-nos conta do seu desentendimento com a Graça («aquele desafio/que en florida campaña/de un hermoso parayso/tube con la Graça») <sup>140</sup>, orgulhosa e dominada pela ambição («que no ay instante en que no/piense mi spiritu altibo/ como creçer mis aplausos») <sup>141</sup>, atormentada com o dominador livre arbítrio de ser humano («el libre albedrío/del hombre») <sup>142</sup>, apegada a uma primeira e a uma actual *culpa*, arrolando designações e designações que lhe parecem garantir a destruição de uma presa fácil («a este efecto, viendo quanto/su destruyción solicito,/el cielo diversos nombres/me da») <sup>143</sup>.

Com acrescida responsabilidade no já várias vezes aqui anotado assalto, tomará, em seguida, a decisão de ficar de guarda à vítima do seu ódio, receosa de que o terceiro interveniente da parábola, que bem conhece, lhe anule o prazer pelo mal praticado

Nessa qualidade de vigia, vê passar, desvenda o comportamento do Sacerdote e do Lebita e o peso das respectivas leis; nada podendo contra a sua determinação, mantém-se, no entanto, tranquila por estar ciente de alheias limitações («en sombras embuelto/mostrando ser sombras toda/su hedad»), <sup>144</sup> e cai

<sup>139</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 97.

<sup>140</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 117.

<sup>141</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 117.

<sup>142</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 119.

<sup>143</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 121.

<sup>144</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 179. A ligação das três leis (natural, escrita e da Graça) fica, assim, uma vez mais reforçada nesta atitude de um certo respeito perante o Sacerdote e o Lebita.

adormecida antes da chegada da Alba (a Virgem nasce sem pecado original?), não assistindo à incipiente visão do Sol.

De regresso à actividade, quando já o Bom Samaritano leva às costas o agredido, infrutíferos se mostrarão os impedimentos do socorro oferecido: Cristo suportará a carga com que, teimosa, ela intenta sobrecarregá-lo, perderá o pleito com o Bautismo e falso se revela o seu prognóstico de que «un peregrino que pasa»<sup>145</sup> não poderá pagar os gastos do tratamento.

Ficarão como sinal de um pasmo sem explicação as suas últimas palavras: «el cielo se admira»,<sup>146</sup> dirá então, complementando o assombro dos companheiros.

Com tão persistentes, ainda que não de todo bem sucedidos adversários, muita falta faria ao Hombre o contrapeso de amigos activos e esclarecidos; e, no entanto, dos três textos abordados, é este aquele em que, dadas as repetidas chamadas de atenção para o livre arbítrio, o protagonista mais de si próprio depende nas decisões, erros e posterior remorso.

Não custa, por isso, aceitar que, do seu mais natural adjuvante, o Deseo, receba ele estímulos contrários, alternando os alertas para os rectos afazeres com as propostas de enviesadas escolhas, chegando ao ponto de confessar a sua participação no irremediável desvio do caminho da Penitencia (sempre a mesma lição) que, movido por conselhos alheios (da Gracia), o Hombre admitia palmi-lhar.

Juntos entram *em cena*, ambos vestidos de «pieles»,<sup>147</sup> ele, porém, apresenta-se mais tarde «de villano»,<sup>148</sup> embora na mercê, que pede aos inimigos, que também a ele atacam, de si diga que é «niño y solo»;<sup>149</sup> como lhe compete, é mais cobarde do que valente, nele se acumulando semelhanças com o gracioso da *comedia* espanhola do século de ouro.

Para além de, entre eles, se discutirem os dois caminhos («el paso dividido/en dos veredas estaba»),<sup>150</sup> mútuas e amargas queixas se repetem ao longo da atribulada carreira entre Jerusalém e Jericó ou vice-versa («como eres traydor/que de dos veces me has muerto»);<sup>151</sup> ora se procuram, ora se evitam, ora se

<sup>145</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Ti*, ed. cit., 231.

<sup>146</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Ti*, ed. cit., 235.

<sup>147</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Ti*, ed. cit., 103.

<sup>148</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Ti*, ed. cit., 135.

<sup>149</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Ti*, ed. cit., 137. Assinale-se, nesta rápida caracterização, a que poderíamos acrescentar partes do popularizante discurso do Deseo, o seu parentesco com a Verdad do auto de Valdivielso.

<sup>150</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Ti*, ed. cit., 137.

<sup>151</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Próximo como a Ti*, ed. cit., 163.

protegem, ora um ao outro viram costas; chega o Deseo a pactuar com os adversários daquele a quem devia servir, mas, finalmente cedendo à compaixão pelo maltratado caminhante e bem seguro do seu virar de costas a anteriores e enviados desígnios, ficará inabalavelmente junto dele, facilitando contactos e unindo-se a todos quantos, com o Sol e com Pedro, se reúnem no exuberante desfecho.

Amiga disponível é (ou poderia ser, se o Homem a escutasse) a Graça, mas, dada a sua inamovível condição de quem nada impõe, apenas em duas seqüências se faz ouvir com precisão; de uma já nos ocupámos (junta-se à Alba e com ela fica), a outra é muito anterior e resume-se a uma voz longínqua em diálogo com o Homem a quem aconselha sobretudo prudência na forma de lidar com o seu Deseo:

tu enemigo más cruel  
 es tu Deseo, y así  
 deja que él venga tras tí  
 y tú no vayas tras él.<sup>152</sup>

De seguida, para colocar o indispensável ponto final neste novelo de afinidades e distanciamentos, ensaiemos umas quantas notas sobre um protagonista de quem pouco há a dizer porque, aliás, em muito semelhante aos desenhados pelo quinhentista português e por Valdivielso (hesitante, descontente com o que tem, facilmente atraído pelas artes sedutoras dos que lhe querem mal, avesso à dureza penitencial, nas primeiras fases, mas finalmente convertido no filho pródigo que à casa volta), para o seu conhecimento fomos acarretando materiais ao longo do trabalho.

Fique, portanto, apenas, esta quase estranheza dramática: no derradeiro *quadro*, o Homem praticamente não se ouve; ele é o objecto estimado de uma cura em que Pedro e os Sacramentos actuam por ordem do Sol e, como tal, da sua *dramática pessoa*, somente se nos diz, antes da desesperada tentativa da Culpa para abalar o inabalável, que está presente «con las joyas que le robaron».<sup>153</sup>

Se perplexidades houvesse, perplexidades se dissipariam: como ele, o *género humano* está perdoado, a acreditarmos nesta lição de Calderón de la Barca.

### *Parábola e alegoria*

Não é mais do que uma sugestão: sendo que os três textos se organizam numa arquitectura de alegoria da viagem e dois deles, os espanhóis, matizando-a o suficiente, enveredam pela sua derivada dos *dois caminhos* (o *bivium*), mere-

<sup>152</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 149.

<sup>153</sup> Calderón de la BARCA, *Tu Prójimo como a Tí*, ed. cit., 231.

ceria, possivelmente, maior atenção um acompanhamento prévio da fortuna e da múltipla tecitura que ela tem assumido, desde remotos tempos. Isto porque, independentemente dos muitos estudos feitos sobre a sua voga na Idade Média e no Renascimento<sup>154</sup>, haveria um certo interesse em detectar (ou não) algum relacionamento entre os nossos autos e ancestrais *fontes* deste repetido apreço por semelhante acomodação figurativa.

Razão pela qual, me atrevo a elencar alguns contributos, na esperança de, um dia, melhor os poder examinar.

São óbvias as raízes bíblicas; todos nos lembramos, pelo menos, do *Salmo 1* («O Senhor protege o caminho dos justos,/mas o caminho dos maus conduz à perdição»)<sup>155</sup>, do *Provérbio 14* («o homem que vive com rectidão respeita o Senhor;/quem se afasta dos caminhos de Deus despreza-o. [...] Há caminhos que ao homem parecem rectos,/mas que, no fim, conduzem à morte»)<sup>156</sup>, a passagem em que São Mateus (7, 13-14) alude às duas portas («Entrem pela porta estreita! A porta é larga e é espaçoso o caminho que vai dar à perdição [...]. Mas é estreita a porta e apertado é o caminho que vai dar à vida eterna e poucas são as pessoas que o encontram.»)<sup>157</sup>.

E recapitulamos, pela memória cultural, como, à mesma alegoria, embora com diferente roupagem, foram sensíveis escritores-pensadores como Hesíodo (séc. VIII a.c.), n' *Os Trabalhos e os Dias* (*Erga*), sempre fiel à lição das dualidades<sup>158</sup>, Xenofonte (430 a.c.-354 a.c.), nos *Memoráveis de Sócrates*, onde a história de Hércules, hesitante entre duas vias, é contada pelo sofista Pródigo<sup>159</sup>; recapitulamos a grande difusão da *Psicomaquia*, de Prudêncio (348-415), assente toda ela na dicotomia entre vícios e virtudes (fé/idolatria, soberba/humildade, concórdia/discórdia, por exemplo); e, igualmente poderíamos recapitular a adaptação cristã do *Y* pitagórico (tronco comum e dois seguimentos possíveis) feita,

<sup>154</sup> O tema da alegoria dos dois caminhos na narrativa medieval espanhola foi objeto de estudo numa comunicação de Emma Hernán Alonso ao *XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, nessa comunicação se acentuam algumas das modalidades antigas da alegoria.

<sup>155</sup> *Bíblia Sagrada*, 564.

<sup>156</sup> *Bíblia Sagrada*, 714. Note-se que, noutras traduções, a referência aos dois caminhos fica mais clara.

<sup>157</sup> *Bíblia Sagrada. Novo Testamento*, 8.

<sup>158</sup> *Os Trabalhos e os Dias* podem hoje ser facilmente consultados em diversas traduções; cito, a título exemplificativo, porque foi uma daquelas a que tive acesso, *Theogony Works and Days*, Translation and notes by Apostolos N. Athanassakis, Baltimore and Londres, The Johns Hopkins University Press, 1983.

<sup>159</sup> Li o passo em questão em XENOPHON, *Helléniques Apologie Mémorables*, Traduction nouvelle [...] par Pierre Chambry, Paris, Garnier [1935], 359-362. Aí se conta como Hércules, entre duas mulheres (Felicidade ou Moleza e Virtude), uma a prometer facilidades e outra dificuldades, toma a sua decisão. A historieta tem gravura na *Nave dos Loucos*, de Sébastien BRANDT, na edição de Locher, Basileia, 1497. Brandt, ao que julgo saber, fez mesmo representar uma peça com esta temática.

talvez em primeira mão, por Lactâncio, em *De divinis institutionibus*<sup>160</sup>, e, posteriormente, repetida por Santo Isidoro de Sevilha, que assim nos explica:

Pitágoras de Samos, a exemplo de la vida humana, conformó la Y: el trazo inferior significa la primera edad, aún indefinida y todavía no inclinada ni a los vicios ni a las virtudes; la bifurcación superior se inicia en la adolescencia: el trazo derecho es abrupto, pero conduce a la felicidad; el izquierdo es mucho más sencillo, pero desemboca en la ruína y en la muerte.<sup>161</sup>

Se sim ou não os dramaturgos ibéricos de tão longe retiraram uma parcela do seu agrado pela estrutura organizativa da *viagem/dois caminhos*, é difícil (e até desnecessário?) decidir, mas palmilhar o seu itinerário e variantes pode ser encargo a despertar algum entusiasmo.

### *A concluir*

Numa conclusão, mesmo apressada e a requerer aprofundamento futuro, de modo a melhor perceber, por exemplo, as prováveis ligações entre os dois autos espanhóis, o enlace argumental entre Antigo e Novo Testamento, a crescente densidade doutrinal dos textos, a evolução nas opções estruturantes, mesmo consciente de ultrapassar os ensinamentos da dramaturgia, foi-me impossível resistir a uma chamada de atenção para a existência de modernas interpretações da parábola (lidas ou ouvidas)<sup>162</sup>; limito-me, porque um inventário viria a despropósito, a salientar o dado curioso da insistência no risco corrido pelo Samaritano e pelo Estalajadeiro (trajecto alterado e gastos não planeados do primeiro, incerteza do dono da estalagem quanto ao regresso de quem deveria pagar as despesas para além do dinheiro deixado) e na apresentação do Samaritano com traços do imigrante dos nossos dias, em geral pouco conceituado, mas capaz de uma impensável generosidade.

E deixo, para consideração, um passo de uma conferência de Timothy Radcliffe intitulada *A Caminho de Jericó* :

---

<sup>160</sup> Recolhi a informação em Ricardo ARIAS «Reflexiones sobre *El peregrino* de José de Valdivielso», *Criticón*, 56, 1992, mas não consegui encontrar o passo na *Patrologiae, tomus VI*, onde se regista o escrito de Lactâncio; no entanto, no mesmo tomo, *liber VII (De Institutionibus, Vita Beata)*, há excertos que fazem pensar na referida alegoria, a propósito da diferença entre a fé no verdadeiro Deus e a crença nos deuses.

<sup>161</sup> San Isidoro de SEVILLA, *Etimologías*, texto latino, versión española y notas por José Oroz Reta [...] y Manuel.C. Díaz y Díaz, Madrid, 1982, 279-281.

<sup>162</sup> Aqui entram os contributos da Internet no *site* dedicado ao *Bom Samaritano*.

Em Nova Iorque foi feita uma experiência com um grupo de seminaristas.

No programa de formação para a pregação, pediu-se-lhes que preparassem uma homilia sobre a parábola do Bom Samaritano. Deviam preparar os seus textos e em seguida dirigir-se a pé para o estúdio onde o sermão seria gravado em vídeo.

Em certo ponto do percurso, um actor, representando um homem ferido e maltratado, jazia por terra, coberto de sangue, pedindo ajuda.

Oitenta por cento dos seminaristas passaram por ele e nem sequer o viram.

Tinham estudado a parábola e feito sobre ela belas composições literárias e, no entanto, passaram ignorando-o.

Que teremos de fazer para nos abirmos a outros?<sup>163</sup>

Leiam-se os textos, apreciem-se as suas virtudes dramáticas, medite-se na sua *agostiniana* lição, e (porque não?) pense-se também nos ensinamentos de alguns *apóstolos* dos nossos dias.

Aproveite-se ou não, nunca será tempo perdido.

Maria Idalina Resina Rodrigues

---

<sup>163</sup> Timothy RADCLIFFE, O.P, *A Caminho de Jericó*, conferência proferida em Itália perante uma assistência de políticos e magistrados europeus, em Junho de 2001. Pode ler-se na totalidade no *site* já referenciado, por registo do ISTA.

**Abstract:**

*This paper is centred on the study of a few dramatic adaptations of the parable of The Good Samaritan by authors from the Iberian Peninsula in the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries. They are examined not only, or even mainly, based on a comparison with the Gospel of St. Luke (10: 25-38), but especially taking into consideration certain medieval glosses of the parable.*

*Thus, the paper begins with annotated references to texts by St. Augustine (Questiones evangeliorum, liber secundus), Beda (In Lucam Evangelium expositio) and Walafrid Strabo (Glossa Ordinaria), seeking to distinguish what they have in common (the main body) from that which accidentally, but intentionally, changes.*

*The study then proceeds with a review of the Obra da Geração Humana, a work by an anonymous 16<sup>th</sup>-century Portuguese writer, who focuses on the parable in two moments: in the introduction, in the form of a play within a play, and in the last part, when the main character, who represents Adam/Human Creation, travelling from Jerusalem to Jericho, is attacked by devils disguised as thieves. He is wounded during the attack and his companions, Justice and Reason, are helpless to assist him. After having asked a Priest and a Levite for their help, he is finally rescued by Christ/a Samaritan, who leads him to the Church/Inn where St. Gregory, St. Jerome, St. Ambrose and St. Augustine provide him with assistance.*

*On an identical journey through El Peregrino by José de Valdivielso, only this time involving a more complex plot, there is a similar leading character, having also been rescued by Christ/a Samaritan, although here the Priest and the Levite are not heard. They are mentioned by another, highly relevant character, Truth, who is always present and participant, and comments on the impossibility of their providing assistance to the traveller. The bandits are a spiteful and enraged Luzbel and the personified vices at his service, among which Delight stands out. Now, those in the Church/Inn are St. Peter, St. John the Evangelist and St. James, appropriately remembered as the patron saint of Castile.*

*The words of the parable are repeated in a kind of chanted and rhythmical apotheosis, as was common in the theatre of the time, between songs, a romancillo (ballad) and a few roundels.*

*Finally, in Tu Próximo como a Ti by Calderón de la Barca, of great poetic wisdom and structuring ability, the parable comes across in several different formulations, varying between a sort of dreamt vision, the dramatically transfigured recapitulation of the Gospel narrative and the placing of the Priest and the Levite as predecessors of Christ/the Samaritan, who is to be found later in the Eucharist. The traveller's main enemy is now Guilt, reciting intense and exquisite explicative passages from the text of St. Luke itself and, at his command, the World, the Devil, Lust and other figurations of Evil are always available and compliant, in successive and increasingly more complex scenarios.*

*This paper ends with a very brief reference to the significant allegory of the journey/two paths and draws attention to a present-day commentary on the parable which reveals that there is interest in reviving the story in an unfortunately dehumanized period such as ours.*

